

ENTREVISTA COM LUC BRISSON

por Cicero Cunha Bezerra¹

Cícero Cunha Bezerra - Antes de mais nada, muito obrigado por suas participações no Canal do GT de Neoplatonismo, bem como pelo artigo que compõe este Dossiê. Eu começaria perguntando ao senhor como nasceu o seu interesse pela filosofia antiga?

Luc Brisson - Pela leitura, em grego antigo, das obras da antiguidade. Essas leituras me ensinaram, desde muito jovem, que haviam outras culturas que não foram moldadas pelo catolicismo como em Quebec. Mais precisamente, o discurso de Alcibiades sobre Sócrates no final do *Banquete*, me impressionou com sua beleza literária e sua profundidade filosófica.

C.C.B - Que acontecimento importante você destacaria em sua formação acadêmica?

L.B - Nasci em Quebec em uma época em que a hierarquia católica tinha considerável influência no campo político e social. Filho de família pobre, não tive escolha a não ser estudar no seminário. Foi lá que aprendi intensamente latim e grego antigo.

C.C.B - Sempre temos algum filósofo ou filósofa que nos interessa de maneira mais decisiva. Você destacaria algum ou alguns pensadores?

L.B - Platão e Aristóteles de modo mais decisivo. Em inglês, Hobbes, Berkeley, Hume.

C.C.B - Qual autor o senhor não tinha traduzido, mas que nutria um grande interesse em fazê-lo?

L.B - Com um grupo de investigadores francofônicos traduzimos os *Elementos de teologia* de Proclo.

C.C.B - Como o senhor compreende a relação entre a história da filosofia e a filosofia enquanto exercício crítico? É possível refletir filosoficamente a partir da história da filosofia?

L.B - Minha posição é a seguinte: para evitar ficar preso ao presente, você precisa se inspirar no passado. Só se pode imaginar um futuro diferente inspirando-se nessa diferença que o passado representa.

¹ Universidade Federal de Sergipe - UFS/CNPq. E-mail: cicerobezerra@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8333-0667>. Professor titular do Departamento de Filosofia. Pesquisador do CNPQ. Coordenador do GT de Neoplatonismo da ANPOF. Membro externo do Instituto de Filosofia de Lisboa e da Universidade do Porto.

C.C.B - Mudando um pouco de temática, como o senhor percebe o paradigma interpretativo do pensamento de Platão a partir das chamadas “doutrinas dos primeiros princípios”?

L.B - Tenho grande dificuldade em compreender o termo "doutrina dos princípios". O que me interessa na história do platonismo, de Platão a Proclo, é o desejo de mostrar que o sensível é impregnado pelo inteligível. Se assim não fosse, não se poderia agir, falar e pensar. A sistematização me parece um artefato útil, mas não indispensável. Platão é um escritor que inventou a filosofia.

C.C.B - Seu artigo sobre a impossibilidade de falar em mística em Plotino, traduzido no Brasil por Loraine Oliveira, teve grande impacto sobre a comunidade acadêmica brasileira, em particular sobre os estudos neoplatonistas. De fato é impossível falar de mística, mesmo pressupondo a relação de unidade entre a alma, o intelecto e o uno que perfaz a noção de *hénosis*?

L.B - Sim, e explico o porquê no meu artigo. No grego antigo, "místico" se refere aos Mistérios e não à união da alma com sua origem. Em Plotino, essa união é "intelectualista": a alma se identifica com o Intelecto que se une ao Uno. Esta união é, portanto, impessoal. O mesmo não é verdade para as religiões e especialmente para o misticismo cristão. O misticismo cristão é a união entre um indivíduo humano e o indivíduo supremo, Deus, em um ato que envolve sentimento. Não cabe a mim desvalorizar as religiões, mas fazer as diferenças aparecerem. O retorno à origem em Plotino leva a alma a se fundir em um nada que é plenitude como é o caso em um contexto oriental (hindu e budista). Além disso, acho que todo ser humano já experimentou isso além do pensamento comum moldado pelo instinto de sobrevivência.

C.C.B - Professor, depois de tantos anos de estudo, como o senhor vê a filosofia francesa na atualidade?

L.B - O nível caiu muito, em particular devido ao abandono dos estudos de grego antigo e latim como antes na universidade. Apenas a Itália está resistindo, mas por quanto tempo?

C.C.B - E mundialmente, como você percebe os estudos filosóficos, em particular, neoplatonistas?

L.B - É muito estranho. A Europa continua a ser um pólo importante. No entanto, desde a queda do comunismo, os países do Oriente naturalmente se interessaram pelos estudos neoplatônicos, pois sua teologia vem do mundo bizantino imbuído do neoplatonismo. Surpreendentemente, as Américas do Sul e do Norte estão cada vez mais interessadas no neoplatonismo. Talvez por causa da influência italiana.

C.C.B - O que o senhor aprendeu com os gregos?

L.B - Que existe algo diferente do mundo sensível e do corpo. Que o indivíduo não tem controle absoluto sobre a realidade ao seu redor. E que, mesmo o conhecimento abstrato, é um luxo indispensável.

C.C.B - Como o senhor situa o neoplatonismo na história da filosofia?

L.B - Como eu disse acima, o neoplatonismo busca descobrir o inteligível no sensível. É por isso que ele multiplica os intermediários, Chegamos a uma sistematização deslumbrante e sufocante em Proclus que pode ser considerado o ápice do neoplatonismo. Isso é tanto uma força quanto uma fraqueza. Entre o inteligível e o sensível, existe uma lacuna intransponível que nem mesmo a ciência atual pode preencher.

C.C.B - Uma pergunta que sempre se faz: O que a filosofia antiga pode contribuir para a vida na contemporaneidade?

L.B - A esperança de superar o caos circundante por meio do conhecimento.

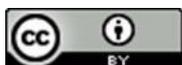
C.C.B - Como a filosofia tem lhe ajudado neste momento de pandemia que estamos vivendo?

L.B -Ela me faz esquecer as contradições delirantes dos governantes diante de uma situação sem precedentes e que eles não controlam.

C.C.B - O senhor esteve no Brasil algumas vezes. Como descreveria suas impressões deste país?

L.B - Sim, já estive várias vezes. A primeira coisa que se percebe é a importância da influência francesa (Auguste Comte) e italiana. Também a vastidão do país (e as suas magníficas paisagens) e o seu dinamismo, embora a pobreza esteja por toda a parte. Também fiquei muito surpreso com o interesse dos acadêmicos pela filosofia e, claro, pela filosofia antiga e, em particular, pelo neoplatonismo. Nesta área, há uma influência europeia que responde à tendência analítica da América do Norte

Recebido em 04/02/2021 e Aprovado em 06/03/2021



Esta obra está licenciada com uma Licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.